



Um Novo Olhar, Um Encontro de Possibilidades

Dezembro 2010

Sumário

Realização.....	4
Patrocinadores.....	5
Agradecimentos.....	6
Preâmbulo.....	7
1. Uma história, nossa história.....	9
2. De onde partimos.....	13
2.1 A biodiversidade.....	13
2.2 Desafios para a conservação da biodiversidade.....	14
2.3 Por quê utilizar a biodiversidade de forma sustentável.....	18
3. Como fizemos.....	19
3.1 Metodologia.....	19
3.2 Nosso recorte.....	24
4. Focos investigados.....	25
4.1 Marco legal.....	26
4.2 Ação política.....	32
4.3 Práticas direcionadas aos três setores.....	37

• Pesquisa e desenvolvimento.....	38
• Relacionamento entre empresas e comunidades - <i>Capacitação e empoderamento</i>	51
• Sistemas produtivos.....	65
• O papel das organizações não governamentais.....	76
5. Alinhamento intersetorial - <i>Como potencializar o impacto dos atores</i>	83
5.1 Contextualização.....	84
5.2 Nossa visão	92
5.3 Proposta.....	94
6. Bases da transformação, raízes da motivação	97
6.1 Governo, sociedade civil e o uso sustentável da biodiversidade.....	99
6.2 Diretrizes para a motivação da sociedade.....	101
7. Consolidação das diretrizes	108
8. Referências	109

Realização

BioElo

Aline Serraino Ferraz

André Aguiar de Paiva Freitas

André Landi Nowill

Anna de Souza Aranha

Anna Sofia Caccuri Martini

Breno Silva Lopes

Cynthia Freitas Demetrio

Dany Manski Simon

Felipe Chiesi

Flávio Samuel Chueire Gomes

Lígia Pires Amorim

Malila Nami Cutrim Ohki

Manuela Maluf Santos

Marcus Vinicius Farias Egues

Marianne Wang Cavichioli

Otávio Filomeno Tavares

Fernandes

Quéren Clemente Colnago

Roberto Camargo Monteiro

Rodolfo Marinangelo Guglielmi

Rodrigo de Castro Cunha

Patrocinadores



Agradecemos aos patrocinadores pela viabilização da produção deste relatório, bem como das experiências que contribuíram para a sua elaboração.

Apresentamos este produto como uma forma de agradecimento e resposta ao desafio que nos foi apresentado.

Agradecimentos

Fundação Getulio Vargas e GVces

Equipe FIS

Érica Galucci

Ideli Domingues

Leeward Wang

Ligia Ramos

Maria F. de Mello

Mario Monzoni

Vale do Ribeira

Bairro do Guapiruvu

Venturas e Aventuras

Guias do PETAR

Amazônia

Associação da RESEX CAJU-UNA

Beraca Sabará Químicos e

Ingredientes

CAEPIM

CAMTA – Cooperativa Agrícola

Mista de Tomé Açú

Cáritas Diocesana

COFRUTA do Brasil - Cooperativa de

Fruticultores de Abaetetuba

Cooperativa dos Caetés

COOMAR

COOPEMAFLIMA

Curupira da Amazônia

DED – Serviço Alemão de

Cooperação Técnica e Social

Empresa de Turismo

FASE

ICMBio – Instituto Chico Mendes de

Conservação da Biodiversidade

Natura

Naturais da Amazônia

Unidos Venceremos

Colaboradores e especialistas

Amâncio Friaça

André Carvalho

André Ricardi

César Matsumoto

Cláudio Maretti

Clínica de Negócios Inclusivos da

Escola de Direito GV - EDESP

Flavia Scabin

Hélène Trocmé-Fabre

Helene Menu

Luis Fernando Laranja

Marcio Halla

Maria Betânia Galas

Maria Cecília Wey de Brito

Oriana Rey

Roberto Strumpf

Preâmbulo

"Um novo olhar, um encontro de possibilidades". Este relatório traz a visão de vinte alunos brasileiros estudantes de Administração Pública, Administração de Empresas e de Economia, que se propuseram a viver por cinco meses o debate de uma complexa questão: o uso sustentável e a conservação da biodiversidade. Uma visão não se manteve constante ao longo de todo o período. A cada nova visita, estudo, conversa e paisagem, nosso olhar foi enriquecido pelas diferentes realidades que influenciam e são influenciadas pelo tema. Assim, adotamos um novo olhar, construído gradualmente e impregnado de diversidade.

O desafio proposto - *elaborar um conjunto de diretrizes para uma política pública de conservação e uso sustentável da biodiversidade, bem como do conhecimento tradicional a ela associado* - foi o ponto inicial e a referência para todo o trabalho. Os objetivos estabelecidos foram: reduzir incertezas, aumentando a previsibilidade do risco jurídico em relação às condutas adotadas; criar um padrão mínimo de conduta para o mercado; e incentivar a atuação responsável das empresas.

A partir disso, entendemos o mundo em que estávamos nos inserindo, repleto de acontecimentos marcantes, evoluídos e acirrados debates e atualizações constantes. Para nos orientar, uma metodologia inovadora, composta por conceitos da transdisciplinariedade e da Teoria U, foi essencial para que pudéssemos compreender a complexidade da questão e os diferentes atores que nela estão presentes.

Após mergulhar nessa realidade, estudando e aprendendo, compreendemos sua importância. Além disso, identificamos lacunas e foi assim que percebemos as novas possibilidades que se abriam. Foram três principais focos investigados.

Percebemos insegurança no tratamento da repartição de benefícios, advinda tanto de desconhecimento, como do atual marco legal brasileiro. Diante disso, nos propomos a clarear a questão e emitir nossa visão sobre o tema. (ordem dos parágrafos)

6Entendemos o papel desempenhado pelo governo, em suas diferentes esferas, e sugerimos novas formas de atuação, as quais poderiam refletir em melhorias para a questão.

Identificamos uma potencial melhoria em práticas desempenhadas pelos três setores. Focamos na forma em que as pesquisas são realizadas, nos modelos de produção adotados, no relacionamento entre as empresas e as comunidades produtoras e no papel das organizações não governamentais. A partir dessa percepção, foram propostas uma série de diretrizes para cada uma dessas questões. Finalmente, acrescentamos dois elementos complementares que são essenciais para a viabilização de nossas propostas: o alinhamento intersetorial e a conscientização de nossa sociedade.

Complexa como é a questão, a proposição de possibilidades para avançar quanto ao uso sustentável e conservação da biodiversidade não poderia deixar de ser. Ao mesmo tempo, a riqueza que envolve o tema permitiu que as possibilidades propostas se complementassem e encontrassem, de modo a manterem-se alinhadas.

Agora, unidos sob o nome Bioelo, oferecemos a apreciação deste relatório a você.

1. Uma história, nossa história

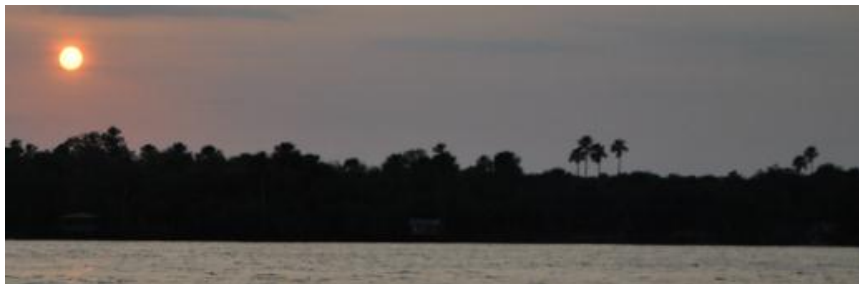
As diretrizes aqui contidas pretendem servir como contribuição para orientar as práticas de gestão empresariais em favor do uso sustentável da Biodiversidade. Com o intuito de fazer com que este projeto não se torne um simples relato de campo que ficará esquecido em uma mesa repleta de papéis, consideramos que seja primeiramente importante contar a nossa história.

Quem são os alunos da disciplina? Com base em que experiência eles elaboraram as diretrizes que estarão nas páginas seguintes? O que os motivou durante todo o processo? E, finalmente, a resposta para a questão: por que esses alunos estão dispostos a perder feriados, horas de sono e até ter menos tempo de lazer para realizar um trabalho de faculdade?

Se você é um empresário, tenho certeza de que gostaria de ter um futuro funcionário como o que venho contar; se você é um professor, acredito que deseja saber qual é fórmula mágica para atrair atenção dos alunos de tal maneira; se você é pai, creio que simplesmente gostaria de ver seu filho escrevendo ou sentindo-se de tal forma: vivo e com garra. Assim sendo, continue lendo para descobrir... na verdade, você quer continuar lendo, não quer?

A disciplina Formação Integrada para a Sustentabilidade teve início no mês de julho. Julho? Sim, em julho, em meio às férias. 40 alunos preencheram três fichas de inscrição com informações diversas no final de Junho e no dia 29 de Junho à tarde se dirigiram à sala 706 da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

para participar de uma dinâmica que desconheciam sobre um assunto que também não fora revelado.



De tal forma teve início o processo de co-seleção do FIS (é assim que se apelidou a disciplina Formação Integrada para a Sustentabilidade na FGV). Denomina-se processo co-seletivo, pois da mesma forma que o aluno é escolhido, ele também escolhe. Foi por livre e espontânea vontade que mais de cinquenta alunos preencheram duas fichas de inscrição e destinaram uma tarde de suas férias para participar da discussão de um problema complexo que deveria ser resolvido em grupos de 6 ou 7 alunos. Ao serem confrontados com uma questão polêmica (no semestre em questão foi o novo código florestal), lerem documentos sobre o tema, escutarem profissionais diversos e receberem questões instigadoras, os alunos deveriam chegar a um consenso por meio de uma troca de idéias em grupo. O importante não é responder rápido, melhor que o colega ao lado, mas escutar o que o outro

tem a dizer, complementar seu ponto de vista e então trabalhar para promover uma resposta conjunta.

Durante esse processo de discussão e troca conjunta de idéias, fomos avaliados por diversos professores e colaboradores do Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces) da Fundação.

No final do mês de julho, vinte sortudos receberam um e-mail dizendo que tinham sido escolhidos. Você deve estar se perguntando qual foi o critério de seleção adotado: a média mais alta, a resposta mais rápida, a melhor desenvoltura? Não, foi a diversidade de pessoas. A equipe do FIS não estava buscando uma fornada de pãezinhos franceses, mas sim uma verdadeira padaria... E foi assim que no começo de agosto começamos a nos reunir todas as terças e quintas-feiras das 11:00 às 12:50, 13:05, 13:10? É preciso confessar, os horários do FIS abrem margem para prorrogação e, na maioria das vezes, todos continuamos por prazer.

Outro ponto relevante para o leitor é que não é feita a chamada na aula. Exatamente, nenhum professor força o aluno a frequentar a aula para não “bombar” por faltas. Ele vai por escolha própria. No primeiro encontro fomos introduzidos aos dois projetos da disciplina: o Projeto Referência e o Projeto de Si Mesmo. Juntos estes têm o propósito de mudar a percepção que os alunos têm do seu entorno, de como podem agir para realizar

mudanças positivas tanto no seu âmbito de trabalho como na hora de desempenhar seu papel como cidadãos, como seres humanos na vida cotidiana. A disciplina busca desenvolver pessoas que assumam responsabilidade perante a



sustentabilidade, que tenham uma postura frente a ela e tenham conhecimento suficiente para poder desempenhar papéis que auxiliem na resolução de conflitos emergentes.

Durante os encontros em sala de aula, a estrutura tradicional é deixada de lado: os professores não ficam mais à frente dos alunos apresentando o conteúdo que será estudado. A cada aula, ou encontro, como usamos na terminologia do FIS, os alunos recebem distintas tarefas que são realizadas em uma estrutura não formal (as cadeiras são dispostas em círculos, os alunos se sentam no chão) ou por meio de world-café. Os encontros extra- classe acabam emergindo de forma natural porque os alunos sentem a necessidade.

É fundamental ressaltar que não nos foi dada uma receita de como realizar este projeto, nunca nenhum dos colaboradores do

FIS nos disse: optem por este caminho, sigam tal corrente de pensamento. Diferentes idéias e oportunidades foram apontadas. Tivemos a visita de um astrofísico, de uma artista plástica, construímos nossos próprios cadernos, fomos introduzidos à teoria transdisciplinar e à resolução de problemas pela teoria U (estas serão explicitadas de forma clara na parte de metodologia). Tivemos nossas crenças mais profundas e nosso modo de consumo questionado por duas fortes experiências empíricas em campo.

Primeiramente, no segundo final de semana do mês de setembro, visitamos o Vale do Ribeira, mais precisamente a reserva do Guapiruvu no município de Sete Barras e o PETAR (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira).

Ambos os locais nos abriram o apetite para o que seria um modo de vida distinto no qual a natureza, além de fonte de sustento, deve ser respeitada, pois se tem a consciência de que esta é finita. As zonas de reflorestamento que demoraram quase uma década para tomar a sua forma pré-exploração humana, o exemplo do senhor Geraldo, que abriu mão de regalias (que em nossa realidade são a norma) como ter um carro ou comprar bens materiais, para ter uma agrofloresta com produtividade menor, gerando conseqüentemente menos recursos monetários (temporariamente); conversar com Alana, que com apenas dez

anos tem muita responsabilidade e talvez seja até mais maduro do que muitos com vinte e um anos. Enfim, a disponibilidade, a abertura dos habitantes, suas histórias e fé depositada em nós, só contribuíram para reforçar nosso propósito inicial, de alguma maneira para melhorar uma micro-realidade, ou muitas micro-realidades que com o tempo podem se transformar em uma verdadeira mudança, de evolução de mentalidade em um país tão diverso como o Brasil.

Finalmente, os oito dias que passamos na Amazônia, acordando cedo, escutando histórias de vida, nos emocionando, anotando, perguntando, comendo filhote (peixe típico da região) com farinha, nos fizeram perceber que a realidade ali vista era extremamente rica e que a construção de diretrizes condizentes com esta poderia colaborar para que houvesse melhorias efetivas na vida das comunidades produtoras visitadas.

Foi a partir de tais experiências que nossa motivação se fortaleceu, e foi também graças ao projeto de si mesmo que se deu o exercício de libertação de pré-conceitos e moldes conhecidos para fazer com que o estudo e as idéias concebidas

fossem o mais transparente possível.

Assim sendo, ao ter como pano de fundo o ano internacional da Biodiversidade, à luz da assinatura da Carta

empresarial pela conservação e uso sustentável da Biodiversidade e com as fortes expectativas provenientes da COP-10, nós, vinte alunos

da Fundação Getúlio Vargas iniciaram, em outubro de 2010, o produto final da disciplina eletiva Formação Integrada a para a Sustentabilidade que os convidamos a ler na seqüência.

